

RESENHA de Walter Benjamin. **Ensaio sobre Brecht**. Tradução de Claudia Abeling. 1ª edição. São Paulo: Boitempo. julho de 2017.

Oscar Henrique de Souza e Silva

*“A informação só tem valor
no momento em que é nova”*

(Walter Benjamin)

*“O trabalho do artista consiste justamente
em dar um ar de importância
aos temas de que trata”*

(Bertolt Brecht)

Há poucos dias o leitor brasileiro recepcionou uma tradução dos textos de Walter Benjamin (1892-1940), mais precisamente em julho deste ano (também centenário da Revolução Russa), mês em que se completam 125 anos do nascimento de Walter Benjamin. Se não tivesse desaparecido fisicamente, faríamos uma confraternização e nosso amigo sopraria velinhas no dia 15, mesmo sob as atuais circunstâncias. Desta vez, aparece uma belíssima compilação de seus trabalhos sobre seu querido amigo Bertolt Brecht (1898-1956), exilado em Skovbostrand per Svendborg, cidade litorânea da Dinamarca, onde Benjamin o encontraria em três momentos distintos da década de 1930. Há uma edição em língua espanhola denominada *Tentativas sobre Brecht*, lançada pela editora Taurus e que teve edições nas décadas de 1970 e 1980. Sobre o título, a nossa mais recente edição, sob responsabilidade da coleção *Marxismo e literatura* da Boitempo Editorial, traz ao leitor uma curta, porém elucidativa, nota no rodapé de uma das primeiras páginas, mostrando o que a palavra alemã *Versuche* pode deixar na nossa imaginação. Lembramos que a edição da Suhrkamp Verlag, editada em 1966, trazia ao leitor de língua alemã o título *Versuche über Brecht*, podendo ser interpretada como ‘excursão’, ou ainda ‘tentativas’. Há um posfácio escrito por um de seus editores (Rolf Tiedemann, parceiro do filósofo Hermann Schweppenhäuser na publicação das edições em língua alemã de uma coleção de escritos de Benjamin); um texto da autoria de Sérgio de Carvalho; outro de

Oscar Henrique de Souza e Silva - estudante de filosofia. Brasileiro, residente em Toledo/PR. Email:
oscarmensagembrasil@gmail.com

José Antonio Pasta; uma importante e esclarecedora cronologia, como uma biografia cruzada e, por fim, a bibliografia recomendada aos nossos leitores de língua pe-se que Benjamin, berlinense, cosmopolita, errante, perseguido pelo nazismo, perambulou pela Europa desde que iniciara seus estudos filosóficos pelas universidades alemãs e suíças; conheceu a Itália, passou duas temporadas em Ibiza, destrinchou a Biblioteca de Paris, viajou a Moscou - na companhia de Asja Lacis, esta secretária de Brecht, responsável por apresentar o marxismo a Benjamin, até então idealista com um passado libertário (Benjamin difundiu o anarquismo nos tempos de juventude). Quando da ascensão do nazismo na Alemanha por volta de 1933, Brecht já previra a catástrofe a que estariam submetidos os defensores dos menos favorecidos, e rumou com a família para o exílio no país vizinho do norte. Uma casa grande, com paredes esbranquiçadas e alguns detalhes em preto ou marrom (as fotografias que documentam a amizade entre nossas personagens datam de 1934, e são de autor desconhecido, incluindo os três momentos em que jogam uma partida de xadrez, uma delas servindo de ilustração para a fantástica capa, preparada por David Amiel para a presente edição). Brecht e a companheira e atriz Helene Weigel (1900-1971) receberiam com carinho o mais importante crítico literário e ensaísta de língua alemã de seu tempo. A esta época, Benjamin já não mais vivia junto da esposa e filho; viria de Paris, onde dedicava a maior parte de seu tempo, desde 1933, a flunar pela metrópole francesa, além de resenhar livros, produzir ensaios, dedicar-se a elaboração de suas *Passagens*, escrever cartas e mais cartas ao também estimado Gershom Scholem (1897-1982) (historiador e seu amigo de longa data), a todo o tempo e com pouco dinheiro. Assim como Charles Baudelaire (1821-1867), um de seus poetas favoritos, Benjamin não necessitou, mas viveu as obscenas metropolitanas, quase sem escolha, exceto por força das horas mais escuras, quando teve de refugiar-se.

Flávio René Kothe cotejou uma edição dos textos de Benjamin para a editora Ática em 1980. Trata-se da “enciclopédica” Coleção Grandes Cientistas Sociais, coordenada pelo saudoso mestre e sociólogo Florestan Fernandes (1920-1995). Neste livro encontram-se quatro dos dez textos trazidos neste ano pelos *Ensaio*s. São eles: *O que é o teatro épico? Um estudo sobre Brecht (1ª versão)*; *O que é o teatro épico? (2ª versão)*; e *O autor como produtor*, este datado de 1934. Os demais, não menos importantes, são: *Estudos para a teoria do teatro épico*; *Trecho de “Comentário sobre Brecht”*; *Um drama familiar no teatro épico*; *O país em que o proletariado não pode ser mencionado*;

Oscar Henrique de Souza e Silva - estudante de filosofia. Brasileiro, residente em Toledo/PR. Email:

oscarmensagembrasil@gmail.com

Comentários sobre poemas de Brecht; Romance dos três vinténs, de Brecht; e Conversas com Brecht – anotações de Svendborg.

Walter Benjamin esteve na companhia de um casal de amigos em Ibiza (o escritor Jean Selz e sua companheira), por volta de 1932, ano em que colaborou com programas para algumas estações de rádio. No ano seguinte, retorna a ilha espanhola, quando contrai malária. Nosso Autor esteve no exílio junto de Brecht em três momentos: 1934, 1936 e 1938. Os textos do livro que temos hoje editado pela Boitempo são justamente da década de trinta.

Benjamin deixa sua postura de crítico militante ao afirmar que a tendência está contraposta à qualidade, além de explicar o conceito de técnica literária e suas relações com a tendência política; é essencial para que se identifique a posição em que se situa aquele que escreve. E exhibe a constelação de autores com os quais estava familiarizado (Sergei Tretiakov, Döblin (socialista) e o próprio Brecht). Reconhece o nome e a ideologia a qual esteve filiado alguns autores, para depois deixar sua opinião, como num ato de advertência ao leitor, para que assim não perca seu tempo lendo ou admirando quem não se deveria. Essa era a tarefa do crítico, conforme Benjamin. Essa era a tarefa do teatro épico: quanto mais o público gesticulasse àquele que encenava, mais possibilidades o autor improvisaria, criando a atmosfera épica.

O teatro épico, diferente do teatro aristotélico (dramático), está baseado numa situação e também numa circunstância. Apesar de se considerar um escritor da alta burguesia, Benjamin afirma que todo escritor é fundamentalmente um operário. Ora, todo profissional sob o capitalismo tardio, liberal ou não, precisa ganhar seu pão; portanto, Benjamin não hesita em evocar suas próprias convicções ideológicas, em defesa dos menos favorecidos. E essa era sua atual posição social de escritor alemão. Aliás, na presente seleção de textos traduzidos pela tão responsável Claudia Abeling, não consta *Sobre a atual posição social do escritor francês*, tão valorizado por Flávio R. Kothe.

Escritor alemão?

Migrante ou refugiado? Em que situação se encontrava o Benjamin que já não era mais o jovem Benjamin, embora com um pensamento cheio de segurança? Diz-se que a qualidade de seus trabalhos não decaía, apesar das condições materiais em que se encontrava nos últimos anos de vida. De maneira qualitativa, suas análises da literatura e do teatro amadureciam a cada exílio, hotel ou encontro com amigas e amigos.

Oscar Henrique de Souza e Silva - estudante de filosofia. Brasileiro, residente em Toledo/PR. Email:

oscarmensagembrasil@gmail.com

O teatro de Bertolt Brecht, de acordo com Benjamin, é poderosíssimo no que diz respeito a suscitar muitas gargalhadas; não só neste estudo sobre o teatro épico, mas também no trabalho denominado *O autor como produtor*, Benjamin faz uma relação com seu texto e do teatro brechtiano. “Para o pensar não há melhor começo que o rir. E uma agitação do diafragma geralmente oferece melhores condições ao pensamento do que a agitação da alma. O teatro épico é copioso apenas em motivos parar rir”.

Mais do que nunca, o pensamento de Walter Benjamin está entre nós e a cada dia mais atual.